

REZENDE, MARIA VALÉRIA
CARTA À RAINHA LOUCA
Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019, 144 pp.

Luis Eduardo Veloso Garcia*
luis.garcia@uenp.edu.br

Lançado em 2019, o último romance de Maria Valéria Rezende, intitulado *Carta à Rainha Louca*, trata-se de uma incursão corajosa nos caminhos da ficção historiográfica através de um mergulho detalhado no Brasil colônia do século XVIII, cuja pesquisa aprofundada da autora reflete com precisão nas quase 150 páginas que formam essa obra.

A primeira coisa que deve-se destacar é a força da autora em se lançar ao risco de construir um livro com tamanho desafio de reproduzir uma época em seus mínimos detalhes, ainda mais neste momento de sua carreira em que já alcançou os principais prêmios da literatura nacional – como o *Prêmio Jabuti* de melhor romance em 2015 por *Quarenta Dias*, o *Prêmio São Paulo de Literatura* e o *Prêmio Casa de Las Américas* com o livro *Outros Cantos* em 2016 – e que seria fácil buscar uma possível acomodação com criações menos ousadas.

Engana-se, porém, quem acredita que a autora somente intenciona demonstrar suas qualidades literárias pelo salto no passado e a recriação fiel daquele momento: o exercício de Rezende no livro é buscar um olhar crítico para a condição da mulher no Brasil em um 1700 passado que reflete o 2020 presente, afinal, os mesmos princípios de uma sociedade patriarcal que não respeita a mulher naquele Brasil colônia reflete em um Brasil presente.

O ponto fundamental da obra é compreender de que maneira as opressões e barreiras aparecerão no caminho da protagonista Isabel de Santas Virgens, cuja paixão pela literatura e o desejo de trabalhar com a escrita ou algo relacionado a área vai sendo destruído pelas vontades e ações dos homens que a cercam, empurrando-a para reações de pura sobrevivência em um presente angustiante.

Na estrutura da obra, portanto, Rezende escolhe seguir a vertente dos romances epistolares, que é um ótimo modo para que um indivíduo possa retratar sua vivência diretamente, ainda mais quando se fala de um período de grande repressão, no qual o silêncio das vozes caladas pode escapar através desse objeto que é a carta. Isabel de Santas Virgens, após tantos percalços que vão marcar sua trajetória, escolhe esse caminho como o último recurso para acabar com seu sofrimento na vida, buscando como interlocutora da carta uma outra mulher (fato esse importante para a escolha da remetente): Maria I, conhecida pela alcunha de Rainha Louca.

A carta em questão – que se refere o título da obra – é dividida em quatro partes nas quais cada uma compreende um ano da vida da personagem principal, mais especificamente os anos de 1789 (ano da Revolução Francesa, fato esse de extrema

* Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Jacarezinho, Brasil.
<http://lattes.cnpq.br/8828663686546084>

relevância para a sequência das situações que envolveriam a Família Real Portuguesa e que, obviamente, se refletirá nos percalços de Isabel), 1790, 1791 e 1792.

O jogo que a autora propõe ao leitor é de compreender a sequência em que essas partes de uma mesma carta a ser entregue para Maria I foram escritas. Não só a resposta será construída completamente nesse caminho como teremos, também, o entendimento de uma escolha espetacular de Rezende, na qual me debruço com mais atenção pois reflete as bases da discussão sobre a opressão sofrida pelas mulheres na época em questão (e em todos os tempos) que considero ser o ponto principal da obra: a explicação dos trechos e parágrafos riscados no decorrer da carta.

Tal escolha de estilo reflete o momento presente que a carta se finaliza no fatídico ano de 1792, ano esse que, como é do conhecimento histórico e, obviamente, do conhecimento da própria protagonista do livro, ocorre a deposição da Rainha Maria I por ser considerada “mentalmente instável” para o cargo. Em vez de desistir da carta, Isabel vê na condição da rainha algo que as aproxima ainda mais, pois são ambas vítimas dos jogos de poderes dos homens que se fazem com a diminuição e anulação das mulheres.

Reconhecendo o risco que a carta pode lhe trazer ao denunciar com propriedade as violências praticadas pelos homens que comandam o Brasil em 1700, incluindo aqui as situações vivenciadas em espaços simbólicos como o Convento do Recolhimento da Conceição em Olinda e o Convento de Santa Clara do Desterro em Salvador (lugares nos quais a autora, que é freira de verdade, traz conhecimentos práticos a serem acrescentados), a personagem decide riscar todos os trechos que possam, de algum modo, atingir de maneira crítica um possível intermediário masculino que pegue o texto, afinal, a rainha se encontra enclausurada e a possibilidade do texto cair em outras mãos se torna palpável.

Trago para ilustração e reflexão desse jogo com o leitor a primeira vez em que ocorre no livro um trecho riscado, mais precisamente em seu quinto parágrafo, que se encontra na primeira parte da carta referente ao ano de 1789:

Muito tenho hesitado em escrever-Vos, pois vem sei que mesquinhos são os infortúnios que Vos hei-de relatar se comparados àqueles trabalhos que, desde Vossa régia infância, certamente tendes passado, que Rainha sois, mas nem por isso sois menos mulher, e sofrer e chorar é o quinhão de todas as filhas de Eva, não obstante sua condição neste mundo, porque em todas as condições, aqui nestas colônias, em África, nas Índias, na China ou no Reino, no paço real ou nas mais pobre aldeia do Vosso Império, estão submetidas às leis dos homens que muito mais duras são para as fêmeas e só para elas se cumprem, pois todos os seus pais e irmãos e maridos e filhos e varões quaisquer, clérigos ou seculares, só as querem para delas servirem-se e para dominá-las como aos animais brutos se faz, blasfemando vergonhosamente ao emprestar lhe a Deus Nosso Senhor tão cruel desígnio. Perdoai-me a rasura, Senhora, que se me ia a pena correndo sem peias pelo papel. Corria a pena levada por inconvenientes palavras que teimam em escapar do sítio onde trato de tê-las bem atadas no meu espírito – já que delas não me posso livrar – para que não me venham a fugir pela boca e dar razão a quem por louca me toma. (Rezende 2019, p. 10)

O que dá a entender para a história ser uma anulação do trecho, para o leitor da obra é uma forma de destacar a crítica, deixando ela ainda mais visível com o risco da falsa

anulação. O que a leitora voraz Isabel Maria das Virgens tenta silenciar em sua carta é o que gritará para o leitor.

Maria Valéria Rezende sabe bem essa resposta sobre os silenciamentos femininos do ontem e do hoje, por isso ela grita de maneira nada velada tal crítica dentro do livro, deixando este trecho específico que finaliza a terceira parte da carta sem nenhuma marca grafada (com certeza, uma provocação de personagem e autora que se encontram irmanadas pela mesma ideia):

Seria da preferência deles, como de todos os homens, bem sei, a mudez das mulheres, mas assim não quis Nosso Senhor ao dotar-nos, à revelia deles, de ideias e fala como a dos machos e, se me sentia livre para dizê-las diante d'Ele, tanto mais diante de quaisquer ignaros como me pareciam aqueles. Ninguém podia, porém, senão pela violência extrema, tolher a liberdade de meus pensamentos e calar minhas palavras, que usei até o fim para dizer o quanto os desprezava, a eles, não mais que escória humana revestida de rendas, veludo e seda, recheada da gordura malcheirosa com que se empanturram, sujos e nojentos, e por mais que os chamem ouvidor, ou governador, ou oficial ou seja lá o que for que os chamem, dizendo serem dignos representantes de Vossa Realeza, se não me calassem à força eu os insultaria e escarraria em suas carantonhas sem cessar. (Rezende 2019, p. 118)

Para o leitor do tempo presente, portanto, cabe a possibilidade de reflexão do quanto se alterou dos jogos de poderes masculinos e se a situação de repressão da mulher realmente teve seu fim – será possível realmente alterar alguma coisa se a estrutura patriarcal vigente naquele Brasil colônia é, ainda, a mesma que pauta os discursos no país hoje em dia?

[recebido em 12 de janeiro de 2020 e aceite para publicação em 17 de maio de 2020]